

Escolas do Plano, alunos das satélites

JORNAL DO BRASIL

28 MAR 2004

DF - Educação

Na rede pública de ensino, 56% dos matriculados no Plano Piloto residem fora dele. Razão apontada é a menor violência

Quando concebeu o Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa planejou escolas em várias quadras residenciais para atender a população que ali morasse. O tempo passou, e cada vez mais os habitantes do Plano – de classe média ou alta – buscaram educação nas escolas particulares que surgiram para suprir a nova demanda. Mas as salas de aula não ficaram ociosas. Hoje, cerca de 21,6 mil alunos das es-

colas públicas do Plano Piloto, ou 56% do total, vem das cidades-satélites, de acordo com levantamento da Secretaria de Educação.

São diversos os motivos que levam os adolescentes a se matricularem nas escolas do Plano. Um dos principais é a crença de que as escolas das satélites não têm um corpo docente tão qualificado.

– Há essa cultura de que no

Plano Piloto nós temos os melhores professores. Isso não existe. Mais de 90% dos professores são concursados e passaram pela mesma prova – explica Cláudio Gomes, diretor da Escola Classe 315 Sul, onde 82% dos estudantes moram fora do Plano.

Os estudantes ainda acreditam bastante nessa teoria. Ivoneide de Souza, que cursa a 8ª série na 315 Sul e mora no Ria-

cho Fundo, foi para o Plano porque é mais “tranquilo”.

– E só aqui tem a *aceleração* – ressalta a menina.

Proporcionalmente, há mais escolas no Plano que oferecem as classes de aceleração, que permitem aos estudantes atrasados cursar duas séries em um ano. Outro motivo apontado por Ivoneide e muito de seus colegas é a questão da violência em outras escolas. Ana Lorena, de

13 anos, acha que os alunos do Plano são mais pacíficos:

– Se eu contar que um menino está bagunçando lá em Santa Maria, ele vai e bate em mim – contou.

Antônio William, que estuda no Centro de Ensino da 912 Norte, fala que cansou de ver alunos armados na sua antiga escola, no Varjão.

– Lá tem muita droga também. Não dá não. Aqui tem menos confusão – disse o garoto de 15 anos, que cursa a 8ª série.

Os diretores das escolas públicas do Plano insistem em dizer que não há muitas diferenças entre os centros de ensino do DF. E preferem apontar outros motivos para o aumento no número de estudan-

tes residentes nas satélites que estudam longe de suas casas.

– Muitos pais trabalham no Plano Piloto. Ele vêm, trazem os filhos e arrumam alguma atividade para eles à tarde. A Secretaria de Esportes oferece vários cursos – aponta Cláudio Gomes.

Cynthia Cibeles, coordenadora de planejamento da Regional de Ensino do Plano Piloto, acha que a principal razão está na mudança de perfil da população de Brasília.

– Está muito caro morar no Plano Piloto, há um envelhecimento dessa comunidade. Então, não há alunos o suficiente para lotar essas escolas. (PBurgos)

Existem preconceitos

Alunos vindos das satélites – grande parte sem boas condições financeiras – têm uma realidade social muito distinta da dos habitantes das quadras das escolas onde eles estudam no Plano Piloto. Muitos desses estudantes dizem que não são muito bem-vistos pela comunidade e reclamam de preconceito. Diretores consultados pelo **JB** admitem que, quando há algum pequeno furto ou bagunça na quadra, alguns moradores prontamente reclamam da escola.

– De fato, algumas pessoas da comunidade, as de idade principalmente, tiveram problemas com alunos nossos, por coisas banais, até porque eles falam palavrões. Nós conversamos com os alunos e com a prefeitura da quadra e hoje a comunidade não tem do que reclamar – explica Cláudio Gomes, da 315 Sul.

A escola dele não tem um histórico de grandes problemas com a quadra, diferentemente do centro de ensino da 413 Sul, por exemplo. Como não há espaço dentro da escola para a educação física, os meninos costumam jogar bola nos estacionamentos dos blocos, o que já resultou em algumas antenas de carro quebra-

das. Alcemiro Nobre, diretor daquela escola, disse que “já pagou o prejuízo de quem foi lá reclamar”.

Na 113 Norte, o problema foi mais grave. No fim do ano passado, dois alunos da escola foram espancados por um gangue local. Um dos agredidos contou a polícia que o rapaz que o espancou disse que iria “bater em quem fosse daquela escola”.

– Esses grupinhos que sempre cercam a escola aproveitaram a mídia em cima do acontecimento e usaram essa história para intimidar os nossos alunos. Não vimos como preconceito – minimizou Luciana Ferraz, diretora da escola, que foi transferida para um novo prédio, na 912 Norte.

Segundo os diretores, o relacionamento entre os adolescentes de diferentes localidades é “comum”, sem preconceitos. Alunos ouvidos pelo **JB** disseram que não há rixas específicas.

– O pessoal do Plano fica mais reservado. Raramente tem briga. Mas quando tem, a barra pesa – contou Lucas Igor Pires, morador da 113 Norte que cursa a 8ª série da 912 Norte.